

## **SIMPÓSIO 48**

### **FERRAMENTAS DIGITAIS E RECURSOS DIDÁTICOS COMPLEMENTARES PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Neste simpósio, pretende-se apresentar reflexões e/ou propostas relacionadas às ferramentas digitais e aos variados recursos complementares que se podem utilizar no ensino de português como língua estrangeira. O mercado editorial voltado para este contexto de ensino tem crescido bastante nos últimos anos, com livros didáticos (LDs) mais atuais, tanto no que diz respeito às abordagens quanto à realidade brasileira. No entanto, apesar de os livros didáticos exercerem relevante papel, seja como um elemento centralizador ou provocador, como bem sabem aqueles que atuam como professores, as atividades de ensino requerem materiais complementares de natureza diversa. Gramáticas pedagógicas, por exemplo, se fazem bastante necessárias, uma vez que o tratamento de certos aspectos gramaticais em LDs deixa muito a desejar e, mesmo que seja satisfatório, ainda assim será insuficiente para um aprofundamento da gramática da língua a ser aprendida. Dicionários de aprendizagem também poderiam auxiliar o aluno em seu processo de compreensão ou produção de textos, assim como na realização de exercícios. Em suporte digital – em CD ou como página na internet –, há uma gama de possibilidades que podem ser disponibilizadas, como exercícios, atividades, glossários, textos etc., seja para uso em sala de aula, seja como material que exige um aprendizado mais autônomo.

Assim, as discussões a serem realizadas neste simpósio certamente contribuirão para o aprimoramento do trabalho do aluno e do professor e para a divulgação da língua portuguesa.

#### **COORDENAÇÃO**

**Orlene Lúcia de Saboia Carvalho**  
Universidade de Brasília  
orlene@unb.br

**Daniele Marcelle Grannier**  
Universidade de Brasília  
danielemarcellegrannier@gmail.com

## NÚMEROS SEMÂNTICOS: O RECURSO DIDÁTICO E SUA APLICAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS E DE LIBRAS PARA OUVINTES

Claudio Alves BENASSI (UFMT<sup>898</sup>)  
Anderson Simão DUARTE (UFMT<sup>899</sup>)

**Resumo:** Os materiais didáticos para o ensino de LIBRAS para ouvintes como L2 (Segunda Língua) e para o ensino de LIBRAS para surdos como LC (Língua de Conforto) apresentam uma transcrição das estruturas sintáticas da LIBRAS em Língua Portuguesa, na tentativa de registrá-la visualmente. Com o objetivo de eliminar tal prática que tem levado professores, pesquisadores e acadêmicos a, erroneamente, afirmar que o surdo tem uma “escrita própria do português”, o professor e pesquisador Anderson Simão Duarte propôs um recurso didático intitulado Números Semânticos, cuja aplicação, além de melhorar desempenho dos alunos, eliminou a problemática transcrição.

**Palavras-chave:** Números Semânticos. LIBRAS. Língua Portuguesa. Ensino. Educação.

### 1. Primeiras palavras

Na atualidade, o assunto inclusão tornou-se “moda” recorrente nas instituições de ensino em todos os níveis educacionais, e também não poderia ser diferente nas esferas sociais. A inclusão, na sua forma de lei, tem o papel de interação social, com uma perspectiva de intercâmbio entre os indivíduos diretamente envolvidos no processo sociocultural. As políticas públicas têm norteado as ações de envolvimento dos ditos “sujeitos especiais”, sujeitos estes reconhecedores de seus direitos sociais e legais junto aos órgãos públicos e privados. É preciso lembrar que fora muito diferente dos dias atuais. Direitos conquistados com exclusões, lutas e muitas mortes.

A educação é a pedra fundamental da dita inclusão social, figura que representa a aceitação e acomodação entre os indivíduos na tentativa de mostrar ou tentar mostrar a realidade de acessibilidade. A instituição Educação está passando por um processo árduo, entretanto, necessário para a legitimidade da tão sonhada e idealizada transformação de um social contemporâneo, com “direitos iguais para todos”. Tentam-se criar modelos, regras e/ou fórmulas para o processo de ensino-aprendizagem das crianças, jovens ou adultos com algum tipo de “deficiência”, seja: auditiva, física, intelectual, visual ou outras. Os modelos atuais de ensino no processo da escrita da Língua Portuguesa – doravante LP – e/ou ensino da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS aos surdos e não surdos são usados na atualidade de forma errônea e descontextualizados.

A grande problemática no processo de ensino-aprendizagem da Língua de Sinais – de agora em diante LS – para ouvintes e LP para surdos em questão é o baixo índice de pesquisas e publicações de artigos que tratem do assunto, tema este tão emergente em nossas academias. Nossa pesquisa já resultou em avanços consideráveis de uma nova proposta no ensino de LP e LS para surdos e ouvintes, respectivamente, tendo como instrumento didático e metodológico os Números Semânticos – doravante NS –, que constitui-se de uma estrutura em que um círculo colocado sobre cada palavra escrita em LP, nele registra-se com um número a ordem dos sinais em LIBRAS. Os NS têm a característica visual na modalidade

<sup>898</sup>Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá (MT)., Brasil. E-mail: caobenassi@hotmail.com

<sup>899</sup>Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá (MT)., Brasil. E-mail: anderson.uf.libras@gmail.com

escrita, constituindo, portanto, uma relação visual-espacial, estreitando e favorecendo o processo de aprendizagem frente ao aluno surdo pela afinidade com sua língua de conforto. E ao mesmo tempo o aluno ouvinte constitui um aprendizado facilitador em detrimento ao campo visual de LP e LS de forma simultânea. Portanto, a presente pesquisa pretende contribuir sistematicamente na construção de novos saberes das línguas envolvidas.

Os NS têm o caráter de preservar as estruturas sintáticas de ambas as línguas envolvidas no processo, na modalidade escrita da LP e na modalidade visoespacial da LS. O objetivo central desta pesquisa é nortear os educadores das universidades públicas e privadas no ensino de LS para acadêmicos ouvintes nos cursos de licenciaturas e saúde - em conformidade a Lei Nacional 10.436, de 24 de abril de 2002 -, e também no ensino de LP para acadêmicos surdos. Dialogamos com alguns conceitos teóricos de Bakhtin e Levy Vygostiky, além de alguns pesquisadores do campo linguagem e da linguística, tais como Santaella, Bailello Junior, Ronice Quadros, González-Rey, dentre outros, no intuito alcançar os pesquisadores, professores e alunos que estejam engajados no ensino da Libras como segunda língua – doravante L2 – aos alunos ouvintes e no ensino de LP como L2 aos alunos surdos.

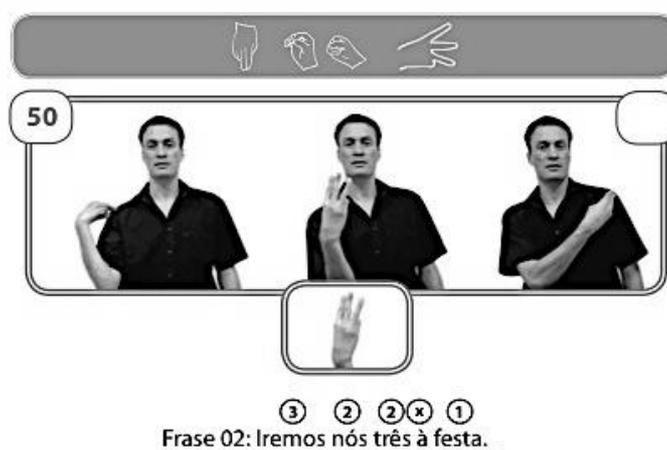


Figura n.º 01 – Exemplo do uso dos NS. Fonte Duarte (2011).

## 2. As transcrições: uso e implicações

Voltando nossa atenção para os dispositivos legais. Mesmo com a obrigatoriedade da inserção da LIBRAS como disciplina obrigatória no currículo escolar, a realidade aponta para o despreparo do licenciado que ingressa no mercado de trabalho. Benassi, Duarte e Padilha (2012) comunicam os resultados de uma pesquisa realizada com educadores oriundos dos cursos de licenciaturas da Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT, em que 60% (sessenta por cento) dos entrevistados afirmaram não estar preparados para ministrarem seus conteúdos para uma classe que tenha a presença de alunos surdos.

Tal despreparo advém do pouco tempo dedicado à aprendizagem da LS nas licenciaturas, que, em média, contam com uma disciplina de 60 horas em suas grades curriculares. Mesmo que se tenha a presença do intérprete em sala, como dispõe a legislação em vigor, o professor deve sanar as dúvidas do aluno surdo em LS, e não via intérprete, como acontece. Fica evidente que o professor não conseguirá aprender uma língua tão complexa em um tempo tão reduzido. Muitos são os cursos que surgem e se multiplicam os materiais didáticos e metodologias, muitos deles fortuitos, mirabolantes e comprometedores. Mesmo as

propostas oficiais de normatizações metodológicas e didáticas nacionais, apresentam características que as comprometem. Segundo Duarte e Padilha,

[...] as políticas públicas têm elaborado propostas as mais diversas, comoparametrizações e orientações, e têm empreendido ações junto ao segmento docente, através de formações continuadas, redes, comunidades de aprendizagem, enfim, vêm buscando propagar novas ideias e metodologias didáticas com a meta de alcançar a população estudantil nacional, com vistas à superação de inúmeros problemas do processo de escolaridade. Dentre eles, as questões comunicacionais e de linguagem, ultimamente, têm sido foco de vários estudos e ações, haja vista os resultados, por exemplo, de processos avaliativos que apontam para um aluno cujas estratégias de leitura e cujo domínio da escrita em língua materna é bastante insatisfatório. (DUARTE e PADILHA, 2012, p. 310).

Tais problemas circundam a aprendizagem do aluno surdo, principalmente, com relação a alfabetização do mesmo em LP, uma vez que os materiais didáticos disponíveis apresentam determinadas características que podem induzir o educando, o educador e a comunidade acadêmica ao erro. Diversos materiais didáticos oficiais – e não só estes como também materiais desenvolvidos por professores de LIBRAS que atuam de forma autônoma – têm reproduzido a prática da transcrição da LIBRAS em LP, prática que, segundo Duarte e Padilha (2012), pode ter consequências muito danosas.

Quadros e Karnopp (2004, p. 208) expõem o enunciado **CERCA GATO SENTAR DORMIR-NA-CERCA**, numa tentativa de exemplificar como se comporta a estrutura sintática da LS, embora se utilizem da LP para isso. No entanto, tal transcrição não representa a LS, pois a mesma é imagética e sua escrita é estritamente visioagramada, em nada se assemelhando à escrita alfabética da LP. Por outro lado, tal transcrição também não representa a LP, pois a LS possui estrutura gramatical própria que em muito se difere da LP, que na transcrição tem sua estrutura sintática comprometida.

Caso o educando surdo tenha contato com essa “maneira diferente de escrever o português”, este, “inconscientemente, reproduzirá tais escritas como verdadeiras e, principalmente, acreditará que esta representação condiz com a realidade estrutural e semântica da Língua Portuguesa” (DUARTE e PADILHA, 2012, p. 317). Como aponta Santaella (1983, p.13), a linguagem está inserida no mundo, e nós, na linguagem. Linguagem que, segundo Vygotsky (2000), é mediadora e constitutiva dos processos cognitivos. Para o autor, pensamento e linguagem têm origens genéricas distintas, no entanto, se inter-relacionam durante a formação dos primeiros signos.

O aluno surdo que for inserido na “escrita própria do português pelo sujeito surdo” está sendo imerso numa linguagem que o afastará do centro sociedade, empurrando-o para a periferia, pois quem domina a escrita tem poder: vivemos num mundo grafocêntrico (GNERRE, 2009). Tal escrita própria do português pelo surdo, academicamente, não é aceita, motivo pelo qual os alunos surdos são barrados nos exames seletivos para ingresso em nossas universidades. Neste contexto que se insere a proposta didática NS, que visa eliminar a prática de tais transcrições.

### 3. O ensino de LIBRAS para ouvintes como L2

O ensino de LIBRAS para ouvintes como L2 tem nos mostrado que os alunos são levados a conceber a LS como estando intrinsecamente ligada à LP. O professor quase sempre se utiliza da LP para que o aluno possa construir signos imagéticos – que, na concepção bakhtiniana, são sempre ideológicos (BAKHTIN, 2010) – ancorando este novo conhecimento

em sua língua materna. Para Terra (2004, p. 105), a L1 pode e sempre ajuda a construir a L2, “não somente como uma estratégia que o aluno usa ao associar itens lexicais a certas estruturas”; isso leva o aluno a, quando produzir seus próprios enunciados para serem sinalizados, organizar a LP de acordo com a ordem sintática da LIBRAS.

Aprender é um processo de correlacionar o ‘novo’ ao ‘já adquirido’, e a aprendizagem de línguas não é uma exceção. Ao aprendermos uma nova língua, portanto, apoiamo-nos, quer queira ou não, em conhecimentos da(s) língua(s) que sabemos. As nossas estratégias e ações conscientes de aprendizagem podem ser enormemente auxiliadas se pudermos conectar o que já sabemos (L1) ao novo (L2), em princípio, de maneira realística. Existe, assim, um relacionamento simbiótico entre L1 e L2, de modo que o conhecimento da L1 pode ajudar a aquisição de conhecimentos da L2 (e vice-versa, certamente) (LIER, 1995, apud TERRA, 2004, p. 102).

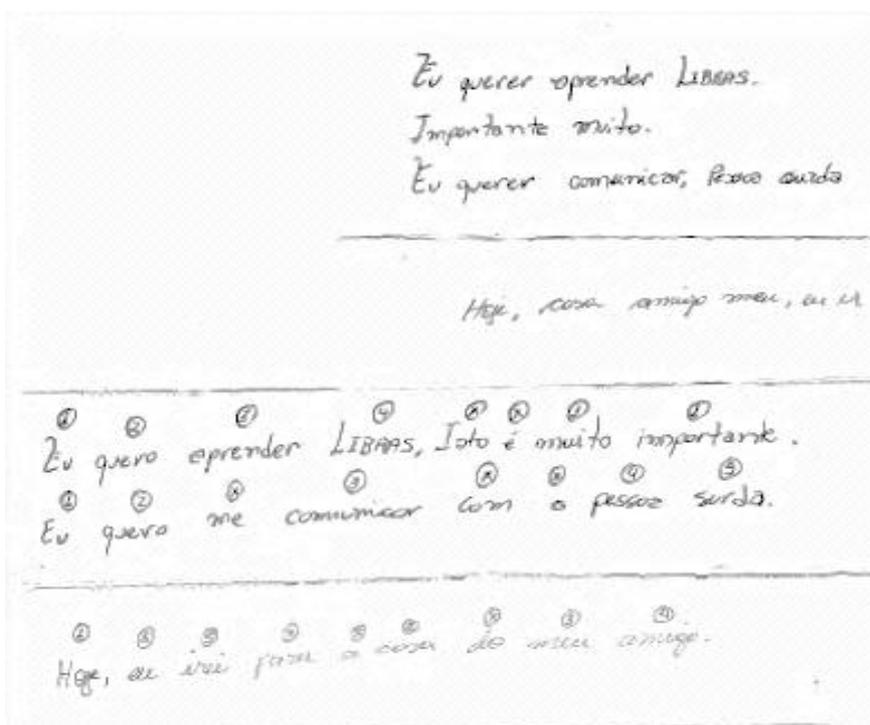


Figura de n.º 02 – Filipetas com os exercícios: o antes e depois dos NS. Fonte: acervo particular.

No segundo semestre do ano letivo de 2012 e também no primeiro deste ano, os NS foram aplicados nas classes de LIBRAS básico I do curso de extensão da Coordenação de Ensino e Extensão –CODEX/UFMT, em caráter experimental. Após algumas aulas introdutórias à LIBRAS, seu contexto histórico, morfologia, sintaxe e primeiros assuntos relacionados à aquisição de vocabulários, pedimos os alunos que escrevessem uma pequena frase, utilizando-se dos vocábulos já conhecidos. Em seguida, que os mesmos sinalizassem as frases, numa tentativa de realizar uma interação prática, aproveitando a produção do aluno no processo ensino/aprendizagem.

Os alunos produziram enunciados para serem sinalizados, dentre eles destacamos os seguintes: “Hoje, casa amigo meu, eu ir” e “Eu querer aprender LIBRAS. Importante, muito. Eu querer comunicar pessoa surda.” Recolhemos as filipetas de papéis após a sinalização dos alunos. Os NS foram introduzidos no decorrer do curso, e na penúltima aula do semestre os alunos foram solicitados a escreverem e sinalizarem o mesmo enunciado. Desta vez, chamou a atenção o fato de todos os alunos organizarem seus enunciados utilizando-se dos números semânticos, como pode ser visto na figuran.º 01.

#### 4. Os números semânticos no ensino de LP para surdos como L2

De acordo com Duarte e Padilha (2012, p. 01), as dificuldades enfrentadas por profissionais e alunos surdos no processo de ensino-aprendizagem vão além da falta de intérpretes em sala de aula – a realidade aponta para o descumprimento dos dispositivos legais, quanto a presença do intérprete em sala de aula, motivado pelo atendimento “diferenciado” em salas multifuncionais, como aponta Benassi (2013, p. 02). A educação de surdos no Brasil, segundo os autores, esbarra na falta de metodologias, didáticas, avaliações, materiais pedagógicos desenvolvidos especificamente para atender às necessidades do aluno surdo. Para Duarte e Padilha, é necessário ainda considerar:

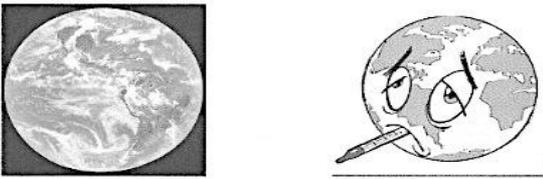
[...] as tensões comunicativas entre professor ouvinte e aluno surdo [...] e os desencontros entre os sentidos eliciados pelos surdos na interpretação dos enunciados das propostas de ensino e as expectativas da escola [...] são problemáticas presentes em todas as disciplinas escolares e que demandam reflexão e propostas afirmativas (DUARTE e PADILHA, 2012, p. 01).

A alfabetização de alunos surdos em muitas escolas se dá de forma equivocada. O aluno surdo é introduzido na LP como L1 (primeira língua) sem ter sido alfabetizado em sua Língua de conforto – daqui em diante LC – que é a LIBRAS. O aluno surdo aprende a desenhar letras e a copiar do quadro sem que haja construção sógnica cognitiva. O signo, conforme orienta Bakhtin, não requer apenas uma simples identificação. O mesmo constitui uma relação dialógica que permite uma tomada de posição, uma atitude responsiva, por este motivo, a atividade sógnica exige compreensão responsiva (Ponzio, 2011, texto de circulação restrita). Logo, não cabe ao professor/alfabetizador introduzir o aluno na LP, ele precisa colocar o aluno surdo numa relação dialógica dos saberes que ele já possui em sua LC com o novo conhecimento: a LP em sua modalidade escrita.

A didática dos NS foi aplicada em um processo de ensino/aprendizagem de LP por alunos surdos como L2, em um projeto intitulado “Metodologias e didáticas no ensino de Língua Portuguesa para surdos como L2”, vinculado ao Programa de Ensino e Extensão da UFMT. O resultado foi notado já nos primeiros meses de aula. A equipe constituiu-se de 10 professores ouvintes e 11 alunos adolescentes surdos oriundos de escola pública, cursando as séries iniciais do ensino médio e uma aluna surda de 43 anos de idade com o ensino médio completo. No primeiro encontro foi feito um teste na intenção de avaliar o conhecimento dos alunos em relação a LP, sendo que os resultados, com raras exceções, apontavam para a sub-alfabetização dos referidos alunos.

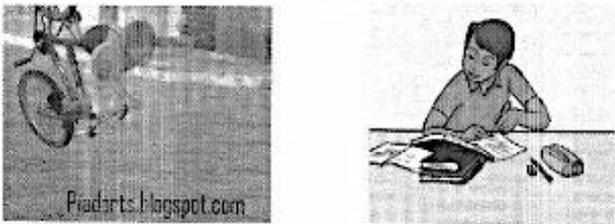
No início, os textos dos alunos surdos eram confusos e não apresentavam organização gramatical, tais como, artigos, preposições e conjugações verbais. De forma geral, todos, ao serem perguntados sobre sua opinião a respeito da aprendizagem da LP, tendiam a afirmar que é difícil, complexa e desestimulante. Ao serem apresentados os NS, a compreensão da LP, a escrita, bem como as concepções acerca do aprendizado começaram a mudar. Como principal reflexo, aparecem na escrita da LP pelos alunos surdos, partículas que antes não eram referenciadas por não existirem e/ou não serem sinalizados na LS, como se pode visualizar nas imagens abaixo.

Compare, em Língua Portuguesa, o que representam estas imagens?



Eu amo Jesus você.  
 Eu te amo Jesus eu também.  
 ela muita é triste.  
 Vovô é bonito.  
 minha filha men só ouve.  
 problema mundo mal.  
 eu quero comida docê.  
 ele não gosto de gilo.

1. Escolha uma imagem e escreva a respeito do que você está vendo?



O menino está bicilista.  
 O homem muito estudou.

Figura n.º 03 – Acima: texto escrito por uma aluna surda. “Eu amo Jesus você. Eu te amo Jesus eu também. ela muita é triste. Vovô é bonito. minha filha men só ouve. problema mundo mal. eu quero comida docê. ele não gosta de gilo. Fonte: acervo particular. Abaixo: Produção da mesma aluna após doze encontros: presença do artigo “O” e do advérbio de intensidade “MUITO”.

Observe as estruturas sintáticas da Língua Portuguesa, logo, construa a estrutura sintática da Língua Brasileira de Sinais usando o recurso dos Números Semânticos.

Eu Estudo na UFMT todas as quintas-feiras, vem comigo!

Figura n.º 04 – Produção de uma aluna surda com NS. O “X” indica morfemas não sinalizados na LIBRAS, números repetidos: palavras que compõem um único sinal.

## 5. Breve análise e considerações finais

A aprendizagem da LIBRAS pelo ouvinte é um processo quase sempre complexo, pois apresenta característica visoespacial, colocando-se em um campo onde as relações com a língua oralizada são restritas e longe da realidade do ouvinte. Este é um dos motivos do esvaziamento das salas de aula, afastando nossos alunos da LS. Aparentemente, o que se concebe no senso comum é que a LS não possui regras, e o aluno ouvinte, ao adentrar a sala de aula, espera decorar sinais e usá-los ao seu bel prazer. Quando o mesmo entra em contato com a complexa gramática da LIBRAS, se desestimula e acaba evadindo-se da sala de aula.

Notamos que os alunos remanescentes, para continuar aprendendo e efetivar o conhecimento mediado em sala, utilizam a transcrição da ordem sintática da LS em LP, pois necessitam visualizá-la de alguma forma. Ao entrarem em contato com os NS, o comportamento da sua escrita na produção de seus enunciados muda. Nota-se então, que as transcrições – a tal “escrita própria” do Português pelo sujeito com surdez – desaparecem, dando lugar à escrita da LP com anotação da ordem sintática da LS por meio dos números semânticos, simultaneamente.

A utilização dos NS, além de facilitar a visualização do aluno no momento da produção e organização dos seus enunciados nas atividades práticas, também oferece ao aluno um registro visual para consultas posteriores. Promove também para o aluno a compreensão de estruturas, tais como o uso de advérbio de tempo e lugar, os quais, segundo Duarte e Lopes (2012), devem ser sinalizados sempre em primeiro lugar na frase; e se houver ocorrência dos dois tipos numa mesma oração, deverá então ser sinalizado o advérbio de tempo seguido pelo advérbio de lugar. Facilita para o professor explicar conteúdos sem recorrer a LP, pois o recurso NS é visual.

No ensino de LP para surdos em sua modalidade escrita, o recurso didático NS também se mostra eficaz. Como podemos notar nas figuras de números 03 e 04, nas produções de nossos alunos. Em um texto, nota-se que não há coerência, sendo que o mesmo apresenta apenas palavras e/ou ideias soltas, inconclusivas e em desacordo com a proposta da atividade, logo, podemos concluir que, apesar da aluna ter concluído o ensino médio, a mesma está “sub-alfabetizada”.

Os alunos surdos que estão tendo contato com os NS estão apresentando aprendizado da LP como L2 de forma satisfatória e significativa, embora lentamente. Conforme afirma Vygotsky, “o êxito no aprendizado de uma língua estrangeira depende de um certo grau de maturidade na língua materna. A criança pode transferir para a nova língua o sistema de significados que já possui na sua própria” (VYGOTSKY, 2008, p. 137). Isto nos leva a considerar que o desenvolvimento da aprendizagem da LP se dá de forma lenta uma vez que o conhecimento dos alunos surdos a respeito da LIBRAS, é pequeno, por vezes, limitado.

No decorrer das aulas – que são sempre documentadas por meio de vídeo, fotos ou atividades escritas – o aluno surdo é sempre questionado sobre sua compreensão dos conteúdos abordados. Em seguida, pedimos para o aluno explicar então com as suas palavras<sup>900</sup>, para nos certificarmos de que a compreensão do aluno é realmente ativa. Nota-se, pela produção dos mesmos, que no decorrer de dois semestres letivos, com um encontro semanal, os alunos surdos não só conseguiram assimilar o conhecimento relativo à LP, como também, em alguns encontros, ministram estes conteúdos a outros colegas.

Toda a interação, tanto entre professor e alunos ouvintes como entre professores e alunos surdos, é desenvolvida com base na premissa de que todo e qualquer aprendizado se efetiva e cresce na afetividade. González Rey (1995) ressalta a importância da relação emocional entre os sujeitos no processo interacional de ensino-aprendizagem. Isso quer dizer que, além dos aspectos técnicos, da relação profissional que se estabelece em sala, é

---

<sup>900</sup>O termo palavras aqui refere-se a sinais.

importante que haja no ambiente de aprendizado um bom relacionamento entre professor e aluno.

O crescimento dos alunos, tanto surdos como ouvintes, é de fato significativo. Na produção dos alunos, notamos elementos do campo abstrato, como metáforas, por exemplo. Os ouvintes são inseridos e tornam-se capazes de correlacionar imageticamente a simbologia escondida por trás de uma metáfora, como o aluno surdo consegue compreender aquelas presentes na língua oralizada. Como diz Baitello Júnior (1999, p.30), “a criação de uma segunda realidade se dá com elementos dados pela primeira”. Isso quer dizer que necessitamos de um dado concreto para chegarmos a um signo abstrato.

Concluindo, o sistema proposto pelo professor e pesquisador Anderson Simão Duarte permite que a ordens semânticas da LIBRAS e da Língua Portuguesa sejam respeitadas, já que não é possível representar a ordem semântica de uma língua em outra, como também não é possível, segundo Bakhtin e Voloshínov ([1929] 2010), ensinar uma língua estrangeira sem construir um enunciado, um exemplo.

### Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. M; VOLOSHÍNOV, V. N. [1929] *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 14.ed. São Paulo: 2010.

BAITELLO JUNIOR, Norval. *O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume, 1999.

BENASSI, C. A. LIBRAS: inclusão no papel, exclusão na realidade. Disponível em:<http://www.matogrossoonline.com.br/artigo.php?id=6975921>. Acesso em 20 de jun. de 2013.

BENASSI, C. A; DUARTE, A. S. PADILHA, S. J. Libras no ensino superior: sessenta horas para aprender a língua ou para saber que ela existe e/ou como se estrutura. *Norteamentos. Revista de estudos linguísticos e literários da UNEMAT*, v 5, n 10, p. 45-59. 2012.

DUARTE, A. S; LOPES, T. R. *Múltiplas linguagens: língua brasileira de sinais*. Cuiabá: UAB/EdUFMT, 2012.

DUARTE, A. S; PADILHA, Simone de Jesus. Relações entre língua de sinais e língua portuguesa em materiais didáticos: a notação pelos números semânticos. *ReVEL*. v. 10, n. 19, p. 309-326. 2012.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

TERRA, M. R. Língua Materna (LM): um recurso mediacional importante na sala de aula de aprendizagem de Língua Estrangeira (LE). *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n. 43, p. 93-113. 2004.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.